O uso das histórias de vida no estudo da descontinuidade[1]

Emília Rodrigues Araújo*
Ricardo Gouveia**

Resumo

Este artigo versa sobre as potencialidades heurísticas e hermenêuticas das histórias de vida. Os autores do texto consideram as histórias de vida adequadas à pesquisa sobre as realidades sociais complexas e, em particular, ao estudo da descontinuidade temporal da experiência vivida. Esta análise, teoricamente alicerçada em diversos autores ligados à problematização e uso de histórias de vida, suportou-se numa pesquisa à base electrónica da editora *SAGE publications*. Esta permitiu elaborar, para o intervalo entre 2000 e 2007, algumas tipologias relativamente aos objectos de estudo sobre os quais têm versado as histórias de vida.

Introdução

Assiste à teoria social a necessidade de ajustar narrativas mais conclusivas sobre o processo de construção das identidades sociais, o qual sucede em ambientes espácio-temporais crescentemente paradoxais[2] (Dubar, 2002; 2004), produzindo graus diversos de descontinuidade nos sentidos individuais e colectivos de *duração*[3], esta especialmente patente, por um lado, nas temporalidades[4] subjectivas, resultantes da

[1] Os autores agradecem aos *referees* as sugestões à primeira versão do texto.

* Professora auxiliar na Universidade do Minho, Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais.
** Finalista do curso de Sociologia da Universidade do Minho.

[2] O adjectivo mais ajustado seria "ambíguas" e/ ou "sincréticas", pois, dada a complexidade que implica qualquer escolha do actor social, este vê-se confrontado com a necessidade de assumir, incluindo na forma narrativa, comportamentos, atitudes e manifestações sociais pertencentes a modelos socioculturais diferenciados e não necessariamente em estreita coerência entre si.

[3] Definimos *duração* no sentido de experiência contínua do mundo, tal como compreendida pela consciência do sujeito (princípio subjectivo) e garantida, de algum modo, pela sociedade e cultura, através das instituições e modelos de vida (sentido objectivo). Neste ponto, aproximamo-nos da conceptualização de Bergson (1992), que distingue a *duração* do *tempo*.

[4] A temporalidade, ao contrário do conceito de tempo, define-se pela dinâmica da passagem do tempo e respectiva experiência subjectiva. Demarca, muito especialmente, o ritmo inscrito na realização da acção efectiva ou intencional. Para uma análise mais exaustiva do conceito, ver Pomian (1993) e Adam (1990).

reflexividade dos actores sobre si próprios e sobre o seu percurso de vida, e, por outro, nas intersubjectivas, originadas da relação entre os actores e as instituições[5].

Este projecto de descoberta das regras e dos sistemas de justificação, por trás das manifestações da descontinuidade[6] no sentido de duração individual e colectivo, implica a constante interrogação dos quadros teóricos disponíveis, assim como das metodologias de acesso, tratamento e análise das experiências individuais e colectivas (Dubar, 2002). Tal empresa sugere duas assunções: i) o carácter móvel das realidades, não completamente passíveis de olhar estático e macro-narrativo e ii) a inexistência de dados institucionais, normalmente de cariz quantitativo, capazes de informar adequadamente sobre o tipo, o grau e a intensidade das mudanças e dos processos socioculturais em curso, moldando a construção intersubjectiva das identidades. Nesta linha, o presente texto versa sobre as questões seguintes: podemos assumir haver um interesse recente sobre as histórias de vida, quer como técnica de recolha de dados, quer como reportório de saberes, práticas e modelos de acção? Até que ponto esse interesse pelas histórias de vida está relacionado com a dinâmica espácio-temporal da realidade social, nomeadamente da construção das identidades? Trata-se, em todas as pesquisas incidentes sobre as diversas realidades sociais que atravessam a problemática das identidades, do uso efectivo de histórias de vida?

Com efeito, não obstante o esforço metodológico no sentido de traçar o acesso à variação do social e à porosidade das fronteiras identitárias[7], continua a notar-se a dualidade dos métodos de investigação no que respeita ao poder que possuem de construir a "realidade" das identidades sociais[8]: i) ou ajudam a construir padrões e, assim, a suportar a valência de temporalidades coerentes e passíveis de transposição para um contexto narrativo, no qual é possível sustentar-se a existência de uma experiência de duração ou ii), num outro extremo, garantem a tradução da experiência a-temporal, a-sincrónica da descontinuidade temporal individual e histórica, num formato quase *psicologizante*[9]. Neste último caso, tal verifica-se, principalmente, quando o uso do método se pauta por uma atitude cognitiva e epistemológica, mais ilustrativa do que

[5] Entre as quais se encontram a família e as organizações de trabalho, certos movimentos sociais, entre outros. Para uma análise mais detalhada sobre a relação entre tempos individuais, tempos sociais e institucionais, consultar, entre outros, Adam (1990), Demazière e Dubar (2004) e Gadèa e Lallement (2004).

[6] As temáticas sobre esta tese da descontinuidade são vastas. Destacamos, neste caso, a flexibilidade temporal, a taxa de desemprego, o envelhecimento populacional, o desfasamento temporal entre o crescimento biológico e o social, os padrões de uso do tempo de trabalho, em geral, a organização do tempo livre, as desigualdades de género, entre várias outras. Em conjunto, argumentamos que há nestas temporalidades descontínuas uma limitação da subjectividade, dado que se assume não haver instituições ou normas tão vinculadoras, mas sim processos perante os quais os indivíduos se familiarizam e através dos quais encontram formas de constrangimento e de autonomia geridas por eles mesmos (Giddens, 2001; McDonald, 1999:212-3). Neste âmbito, citamos Bauman, que argumenta o seguinte: "Men and women are trained (made to learn the hard away) to perceive of the world as of a container full of disposable objects, objects for one-off use" (Bauman, 2003: 156 e 155).

[7] A porosidade é objecto de análise em diversas áreas de estudo sociológico (Hall, 1996; Giddens, 2001, entre outros), e filosófico, sugerindo teorizações, por vezes, intensamente elaboradas (Butler, 2003). Neste caso concreto das identidades e dos modelos socioculturais referenciais do comportamento, partilhamos de uma ideia central: que o processo de construção e afirmação identitária se define na própria ambiguidade e diversidade contida nas respostas que o mesmo indivíduo dá aos estímulos e às proposições do ambiente situacional que vive.

[8] Este assunto é, de algum modo, tradicional na definição das condições epistemológicas de uma abordagem metodológica em ciências sociais (Champagne, Lenoir, Merllié e Pinto, 1990; Albarello, 1997, entre vários outros).

[9] Esta é a tendência mais marcante das pesquisas que se auto-situam nas abordagens *pós-modernas*.

tipológica[10]. As perguntas difíceis de resolver permanecem ainda pouco esclarecidas: pode ser o método responsável pela construção do grau de "descontinuidade" na construção identitária individual, trajectória e história de vida? Tem o método potencialidades para desdobrar as mudanças que afectam a dinâmica *fragmentada* da identidade? Quais serão as utilizações da história de vida, enquanto técnica de investigação, no estudo e na interpretação dessa descontinuidade? Até que ponto se pode afirmar que as investigações e pesquisas sobre este fenómeno, que dizem utilizar as histórias de vida, as utilizam efectivamente? As respostas a estas questões exigem um amplo trabalho de pesquisa cujo âmbito não cabe totalmente nos objectivos deste texto. Ocupa-nos aqui uma hipótese central, contendo três ideias: i) A experiência moderna da vida social é crescentemente elaborada sem o referencial da duração, definindo-se este como o grau de continuidade inscrito no plano da temporalidade biográfica individual e colectiva; ii) As técnicas de investigação qualitativa, por se dirigirem, na sua definição original, para a recolha de dados sobre processos contínuos de reformulação, variação e confronto representacional, adaptam-se particularmente bem ao estudo dessas "falhas" de duração na construção identitária; e iii) As histórias de vida, ao mesmo tempo que permitem a expressão directa da descontinuidade e da variabilidade nos processos identitários, facilitam o exercício de reflexividade dos actores estudados, assim como dos investigadores e dos receptores das histórias. Por isso, é expectável que, ao lado da análise científica, surjam produções várias de conhecimento com influência directa sobre as trajectórias dos sujeitos receptores da história que vale a pena questionar de um ponto de vista sociológico.

A fim de alinharmos uma argumentação em torno destas questões, organizámos o texto em quatro pontos principais. Após a apresentação da informação acerca do método seguido, apresentam-se, num segundo ponto, os pressupostos principais implicados no uso das histórias de vida. O terceiro ponto é dedicado a uma breve problematização sobre o uso das histórias de vida no estudo das descontinuidades temporais, inscritas nos processos de construção identitária, orientados para um horizonte temporal futuro-presente[11]. Depois desta breve problemática sobre a relação entre a história de vida e a experiência da temporalidade individual[12], mostramos, baseados numa pesquisa parcial sobre a utilização das histórias de vida em Sociologia, que estas têm sido usadas para estudar processos biográficos de "crise" ou ruptura, embora em grande parte dos casos, não se trate de histórias de vida, mas de histórias biográficas. Contudo, evidenciamos que as formas finais de redacção seguem o processo tradicional de *linearização* das histórias. A possibilidade de a história de vida poder ser narrada de forma descontínua, mostrando o carácter intermitente da experiência moderna de vida, constitui o objecto de discussão num último ponto. Neste, referimos a potencialidade *performativa* das histórias de vida, para além do âmbito terapêutico estrito.

[10] Referimo-nos, a este respeito, à capacidade de a investigação produzir uma imagem coerente do objecto de estudo, isto é, dos tipos ideais definidos por Weber (1979), traços comuns, regularidades resultantes da classificação e da comparação de fenómenos sociais.

[11] O futuro-presente define um estado de experiência social em que os indivíduos vivem a necessidade de pensarem no futuro constantemente, no seu dia-a-dia. O conceito próximo deste é o de "presente-extenso" (Nowotny, 1996).

[12] Não há uma distinção nítida entre temporalidade individual e temporalidade social. O que melhor se pode dizer é que nos referimos, no primeiro caso, à experiência do sujeito, a partir do seu universo bio-psicológico e familiar, e, no segundo caso, ao resultado das diversas ordens temporais reguladas pelas várias organizações que compõem a sociedade.

1. Indicações metodológicas

O argumento do texto contempla conclusões da análise à literatura relacionada com a utilização de histórias de vida e de uma pesquisa efectuada na base da *SAGE Publications*, na qual procurámos todos os artigos que combinassem as palavras *sociology* e *life history*. Inicialmente, a pesquisa abrangeu a totalidade das publicações, desde 1890 até 2007. No entanto, tendo verificado que até à década de 1990 estavam apenas publicados 220 artigos, dos quais possuíamos poucos resumos online, decidiu-se analisar o período em que se registou o maior crescimento do número de trabalhos. Limitámos a investigação ao período entre Janeiro de 2000 e Dezembro de 2007. Desta pesquisa resultaram 717 textos, dos quais analisámos 500, a partir dos quais construímos uma base de dados. Após a leitura de cada resumo disponível online, assim como de alguns textos integrais, organizámos uma base tendo em conta a designação da área científica, a proveniência e o tipo de artigo[13]. Esta pesquisa é, como se observa, parcial e deve ser entendida neste patamar. Tivemos em conta, ainda assim, o uso deste tipo de metodologia em Portugal e no Brasil.

2. As histórias de vida: implicações metodológicas

A definição da história de vida e o seu âmbito de aplicação estão documentados em vários estudos exaustivos nos quais se mostra o valor científico, os cuidados e o rigor metodológico exigido aquando do uso desta técnica (Thomas e Znaniecki, 1984[14]; Bertaux, 1986; 1997[15]; Pais, 2002[16]; Poirier, 1999[17]). A história de vida é definida, por norma, como uma técnica de investigação, a qual permite aceder às práticas dos actores e aos processos simbólicos a elas subjacentes, podendo incidir sobre acontecimentos, processos ou pessoas concretas. O objectivo do investigador, ao utilizar a história de vida, pode ser obter uma autobiografia[18], narrada pelos próprios sujeitos, ou realizar uma biografia de forma indirecta, a qual conta com a participação destes[19]. A história de vida pode orientar-se para o estudo da vida de um indivíduo apenas (orientação psicográfica)[20] ou para o estudo de um evento, acontecimento ou período histórico, neste caso implicando várias histórias de vida (orientação etno-

[13] Ou seja, tivemos em conta se se tratavam de histórias de vida, usavam o método biográfico, utilizavam apenas técnicas qualitativas ou se nada tinham a ver com a metodologia qualitativa.

[14] Estes autores foram pioneiros na utilização das histórias de vida na sociologia. Através da recolha de várias cartas de correspondência entre camponeses polacos emigrados nos EUA e os seus familiares na Polónia, reconstruíram os seus percursos biográficos. Mesmo estudos no âmbito da história, principalmente sobre a temática da memória, remetem, com frequência, para os seus desenvolvimentos (entre outros, Pollak, 1992).

[15] Daniel Bertaux e Isabel Bertaux utilizaram histórias de vida de padeiros franceses num estudo sobre a indústria da panificação naquele país (Bertaux, 1986;1997).

[16] José Machado Pais usou as histórias de vida na sua investigação sobre percursos juvenis (Pais, 2002).

[17] Trata-se de um livro – manual onde se condensam os principais passos a seguir para o uso da história de vida.

[18] O uso da autobiografia permite uma compreensão mais aprofundada das acções do sujeito. Horder (2004) escreveu sobre a sua experiência e as dificuldades de conciliação entre a leitura e os novos meios de aquisição de conhecimentos.

[19] Sparkes (2004) escreveu um artigo sobre a experiência da luta contra o cancro de Lance Armstrong, (um conhecido ciclista) baseado na sua autobiografia.

[20] Seguindo esta orientação, o investigador pretende conhecer apenas a história de vida do sujeito sobre o qual incide essa mesma história. Pode reflectir um caso que, pelas suas características, seja representativo de uma comunidade ou, pelo contrário, que seja único e excepcional. Duchowny (2005) analisa a autobiografia de um recluso, no sentido de compreender a sua narrativa.

gráfica)[21]. Esta orientação é a mais usada em Sociologia porque, além de permitir recolher informação sobre a vida de um indivíduo, suas opções e dissonâncias, faculta o acesso a informação sobre o seu relacionamento com os grupos de socialização, como a família e a classe. Permite, ainda, aceder ao discurso do indivíduo sobre os acontecimentos históricos e formas de influência sobre a sua vida, assim como sobre o papel que os outros tiveram, ou não, na sua vida, ao longo do tempo. Tal significa que nem todos os objectos de investigação são apreensíveis através desta técnica, sendo que a sua "cientificidade", na vertente heurística ou hermenêutica, estará seriamente dependente do acatamento do princípio do distanciamento do investigador, assim como do seguimento dos passos metodológicos descritos, nomeadamente, selecção de amostra, construção de guião, registo de dados, elaboração de ficha sinalética e respectiva análise de conteúdo, esta normalmente com carácter cronológico e estrutural (Demazière e Dubar, 2004).

Tem havido um interesse crescente na utilização das histórias de vida (Wengraf, Chamberlayne e Bornat, 2002) que é simultâneo com a tendência em utilizar entrevistas como sendo histórias de vida ou histórias biográficas. O certo é que a utilização das histórias de vida requer uma problematização teórica acerca de um objecto, seguida de uma definição metodológica que implica, como dissemos, uma selecção dos sujeitos a serem estudados, assim como vários passos subsequentes de análise (Poirier, 1997). As entrevistas, ou série de entrevistas, são de carácter aprofundado e exploram a totalidade do percurso biográfico do indivíduo. Por seu turno, a história biográfica (e as entrevistas biográficas) incide apenas, e normalmente, sobre um determinado período da vida do sujeito que o investigador considera mais pertinente para a sua investigação e que é perfeitamente apreensível através de uma entrevista.

3. Histórias de vida e descontinuidade: o debate epistemo-metodológico

Aclarados os pressupostos científicos implicados no uso das histórias de vida e na sua afirmação como técnica de recolha de informação, exigindo passos específicos sujeitos a análise de conteúdo, esquematização e comparabilidade de informação, tentaremos perceber melhor esta relação de adequação entre a história de vida e a pesquisa sociológica. Para tal, é importante isolar algumas escalas de análise situando-nos, em simultâneo, em dois níveis, de qualquer modo artificialmente separados: o "real" e o "construído".

Com efeito, uma das primeiras "tradições" das histórias de vida – em que incluímos Thomas e Znaniecki (1984) e Bertaux (1997) entre outros – contém uma preocupação de tipo realista: a "realidade" pode e deve ser apreendida tal como ela é ou aparenta ser, sendo que o próprio "investigador" tem um papel importante na intervenção sobre esse social, desde que consegue identificar os padrões de funcionamento desse social. O investigador pretenderá, assim, buscar os factos narrados,

[21] A orientação etnográfica diferencia-se da psicográfica pela sua abrangência. Nesta abordagem, o investigador procura encontrar nas várias histórias de vida que recolheu, representações/acções que, de alguma forma, sejam comuns e representativas daquele grupo. Rich (2004) usou onze histórias de vida de professoras de educação física para perceber as dificuldades sentidas pelas mulheres numa profissão altamente masculinizada.

contados e entrelaçados pelo sujeito de modo a classificar os significados potenciais dessa realidade, tanto para o sujeito, como para o conhecimento de um grupo, uma época ou um acontecimento[22]. A segunda tradição no uso das histórias de vida, que se situa entre os anos 80 e 90 do século passado, tem uma raiz de tipo mais fenomenológico e construtivista – incluímos aqui os estudos de grande parte dos autores ligados à escola de Chicago. Tal significa atribuir à história de vida a legitimidade e a potencialidade de descobrir os tempos projectados pelos próprios indivíduos, isto é, o que, na sua vida, representa o que não aconteceu, mas que teve efectivamente papel constitutivo da identidade dos sujeitos. Esta "tradição" radica na fenomenologia de Husserl (1986) muito em particular na definição do conceito de "horizonte temporal", a qual foi grande fonte de inspiração do conceito de temporalidade em Schütz (1962) e Mead (1959)[23]. Se considerarmos, por um lado, que a história de vida revela uma amálgama profunda entre o "real" e o "construído" (Bourdieu, 1986), entre saberes "comuns" e saberes "científicos", e que, por outro, esta representação do real pode ser uma fonte rica de informação compreensiva, diremos que a história de vida traduz, em qualquer caso, um processo: reporta-se a um *ser-indo*-progressivo (utilizando este conceito a partir de Heidegger, 1993). Por isso, *lato sensu*, distanciando-nos do sentido estrito que a liga a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, a história de vida *fala*, mediada pela própria interpretação de vários sujeitos, de gerações, de instituições, organizações, sociedades e culturas, assim como de acontecimentos e de eventos com origem e projecção macrossociais. Neste plano macro, a história de vida pode ser o meio de recolha de informação e de partilha de experiências mais ou menos concretas e acontecimentos mais ou menos visíveis: a guerra, o trauma, a experiência colonial, a integração social, a cultura policial, a sexualidade e o género, são exemplos de objectos analisáveis a partir das histórias de vida. Ademais, pode ser fonte de reconstrução identitária, operada não só pela crença na verdade dessas experiências e possibilidade de projecção no discurso biográfico próprio, mas pela interpretação resultante da tomada de conhecimento dessa história, pelo sujeito emissor ou receptor.

Sugerimos, assim, que a história de vida permite aceder ao "segredo" da memória e ao projecto de desconstrução e recomposição identitário, próprio da construção do "eu", muito em especial, nas sociedades do presente, de tipo mais reflexivo. Nesse sentido, por um lado, ela é analisável e tratável ao ponto de poder resultar em tipologias classificativas válidas para a compreensão dos processos identitários de um grupo. Mas, por outro, ela é já um *discurso possível* do indivíduo sobre si próprio do qual resulta um *discurso possível* por parte dos receptores (incluindo o do cientista social)[24]. Assim, podemos concluir que história de vida narrada, sendo objecto da linguagem do sujeito (Demazière e Dubar, 2004), não chega a "revelar" esse "segredo",

[22] Lewis (1970: 11), por exemplo, argumenta que "Este método dá-nos uma visão cumulativa, multifacetada, panorâmica de cada indivíduo, da família como um todo, e de muitos aspectos da vida da classe baixa mexicana".

[23] Não só Schütz usou extensivamente esta tese na problematização da racionalidade das condutas, como o neo-funcionalista Luhmann (1990), que desenvolveu a teoria sobre os sistemas auto-reflexivos (a *autopoesis*), baseando-se na ideia de que o presente é potência do futuro (*disclosure*) e do passado (*closure*).

[24] Utiliza-se deliberadamente a palavra "discurso", considerando que, neste, o indivíduo procura dar continuidade temporal à sua história, transformando-a numa narrativa "de sentido". Incorpora, por isso, a definição de reflexividade, tal como proposta por Giddens (1991 e 1992).

cujo acesso é difícil até ao próprio. Esta é uma ideia central e, porventura, polémica, face à do discurso científico produzido acerca dos critérios metodológicos directores do uso da técnica, na óptica da construção científica[25]. No entanto, trata-se de uma ideia sustentada no próprio conhecimento da experiência (e na fenomenologia) do tempo, tal como apresentada por Berger e Luckmann (1999), numa tripla dimensão: a temporalidade inscrita no corpo, a inter-subjectiva (relacionada com as interacções pessoais) e a biográfica, ligada aos eventos mais importantes a partir dos quais é possível "reconstruir", "interpretar" e, paralelamente, fazer "com as palavras[26]" o caminho biográfico da experiência. Neste sentido, ressalta-se que analisar a história de vida implica ter em conta a relação entre o indivíduo e o tempo (individual e social), sendo esta alicerçada a três níveis:

- Experiência fenomenológica do tempo (tempo subjectivo);
- Experiência sociológica do tempo (tempo intersubjectivo
– regimes de temporalidades);
- Experiência histórica do tempo (tempo evento).

1) No plano da experiência fenomenológica do tempo, afirmamos que a temporalidade fundamenta a história de vida, desde logo porque a narração permite fixar e dar existência ao tempo subjectivo vivido, fornecendo conteúdo à relação do indivíduo com o seu tempo de vida, em sentido fenomenológico, configurando o processo contínuo de *tornar-se em* ou *deixar de ser*. Isto porque as temporalidades (a sua experiência) não estão vedadas por fronteiras cronológicas objectivas, mas por horizontes temporais, ou seja, limites (subjectivos) permanentemente transitórios e fluidos, responsáveis pelo facto de a experiência conduzir os actores (racionais) a experimentarem o próprio futuro como um "presente extenso" (que se faz presente). Na narrativa[27] da história de vida está em causa o tempo de vida, resultante da imbricação de diversos ritmos e de vários mundos perante os quais os indivíduos se posicionam permanentemente. Assim é que, através da história de vida contada, se libertam as próprias experiências (em acto ou em acção) dessas vedações temporais, projectando-as num tempo em permanente transição ou *emergência*. É que a história de vida, embora remeta, em certo sentido, para o tempo passado e para o futuro, é capaz de produzir um tempo presente no presente, isto é, emergência, no sentido de Mead (1959)[28]. As narrativas sobre esta modalidade temporal (relativas a várias di-

[25] Remetemos o leitor para a conceptualização de Butler (2003), autora que argumenta que os sujeitos são opacos nos seus discursos sobre si próprios e sobre os outros. No plano metodológico, aceitamos, com Deloroy-Momberger (2006: s/p), que "a história de vida, tal qual ela é construída na narrativa, que é a *ficção verdadeira* do sujeito: ela é a história que o narrador, no momento em que a enuncia, tem por verdadeira, e ele se constrói como sujeito (individual e social) no ato de sua enunciação".

[26] Inspirado em Denzin (1989).

[27] O conceito de "narrativa" é explorado principalmente por Paul Ricoeur (1994).

[28] Mead afirma que o passado, o presente e o futuro pertencem a uma passagem que comporta uma estrutura temporal através do evento. Segundo este autor, "past, present and future belong to a passage which attains temporal structure through the event, and they may be considered long or short as they are compared with other such passages. But as existing in nature, so far as such a statement has significance, the past and the future are the boundaries of what we term the present, and are determined by the conditioning relationships of the event to its situation" (Mead, 1959: 24).

mensões da vida nos planos profissional e pessoal) representam um constante regresso ao passado, tempo onde se buscam as razões e os fios condutores das suas opções e do seu estado presente (Escolar *et al.*, 2002). Mas são, simultaneamente, projecções *no futuro*, no que se pretende e espera vir, efectivamente, a ser (*sendo*).

2) Em termos da experiência sociológica do tempo, a história de vida fixa os sentidos dos indivíduos acerca da sua experiência nos grupos sociais, na família e na classe social. Extremamente poderosas na construção e detecção de variáveis condicionantes de trajectos sociais e explicativos das formas de convivência com "fases" da vida emocionalmente fortes, entre outros fenómenos sociais, a história de vida sugere o acesso à relação entre as normas e as expectativas temporais desses grupos e as imagens e projectos mais individuais. Assim, os indivíduos são capazes de reflectir sobre o modo como, na sua idade e no seu presente-futuro, se inscrevem as temporalidades, os projectos, os desejos e as expectativas realizadas sobre si por parte de outros grupos. Por entre a história real, alarga-se o próprio âmbito da reconstrução do passado que garante visualizar em que grau os indivíduos atribuem a si, ou a outros, os seus destinos, preferências e escolhas.

3) Por fim, a história de vida encerra o (ou parte do) tempo histórico porque nela se recompõe a memória individual e a social (Halbwachs, 1997; Digneffe e Beckers, 1997; Connerton, 1999). A narrativa recai também sobre os eventos históricos ou, como refere Houle (1997: 308), reenvia ao sócio-simbólico, ao sistema de valores, às representações sociais, à ideologia. Além disso, através da história de vida contada é possível traçar o grau de ligação do indivíduo à história, assim como o seu grau de participação percebido na mesma.

Mais do que nunca, na trajectória das metodologias das ciências sociais e em perfeita e constante tensão entre a rigidez necessária ao rigor do método e a "resistência" à inflexibilidade do próprio método, as histórias de vida e as histórias orais, desde que fundamentadas epistemológica e metodologicamente, oferecerão um caminho possível e fiável para problematizar, de forma consistente, a dinâmica da descontinuidade. Daqui contorna-se a forma linear e causal que normalmente preside à narrativa (tanto aquela fornecida pelos sujeitos, como a "construída" pelo investigador). Dubar (2002: s/p), autor dedicado ao estudo das identidades, di-lo explicitamente: "La pratique des entretiens biographiques et autres récits de vie peut, à certaines conditions, constituer une méthode beaucoup mieux adaptée à la compréhension des dynamiques identitaires et à la prise en compte de la pluralité des temporalités pertinentes".

A história de vida e o método biográfico são advogados por relativa contraposição aos princípios do positivismo, ao pressupor-se que os factos sociais são portadores de sentido e anunciantes de ideologias, estando estas imbuídas no próprio processo de transmissão de informação entre um emissor e um receptor (Fraser, 2004). Por isso, no estudo de problemas específicos, as histórias de vida revelam potenciar uma grande capacidade compreensiva. Mas, ao relacionar as histórias individuais, procurando padrões e modos socioculturais e políticos de actuar, evitando a linearidade causal, a questão complexifica-se, pois pode colocar-se o problema da representatividade (*idem*), face a um determinado universo do qual se pretende construir conhecimento.

Daí que o poder compreensivo dos resultados, para além do descritivo, só possa ser vincado a partir de uma análise coerente das relações objectivas de estruturação das forças societárias que permita comparar experiências inscritas nas histórias (*idem*; Dubar, 2002). Tal como frisa Dubar (2002: s/p):

> "(...), pour éviter les pièges de la simple illustration de thèses préétablies ou de la pure restitution de récits singuliers, elle implique un cadre d'interprétation permettant la reconstitution de processus typiques par l'analyse comparative des formes discursives impliquées par les différents récits".

Quando se utiliza uma história de vida, verifica-se que nela se conjugam as diferentes temporalidades mencionadas acima porque o emissor é capaz de descrever e de pronunciar-se sobre a experiência dessa ligação, ainda que, por vezes, de forma inconsciente. Ademais, não raras vezes, o emissor (pensa que) é analista da sua própria história de vida, *através* da análise que faz das outras[29]. Ora, o conceito de narrativa está normalmente associado à história de vida, uma vez que todas as histórias de vida pressupõem uma ordem temporal imposta a um discurso comportando um certo nível de densidade. Peculiar, tanto na história de vida, como na narrativa que lhe está implícita, é o facto de em ambas se notar a pressuposição da implícita continuidade temporal. Ainda que a descrição feita em discurso directo possa inverter as ordens cronológica e temporal, dirigindo o conteúdo para uma certa circularidade e ilógica, a tensão é enorme no sentido da constância quase causal. Tal acontece porque a história é *contada*, normalmente, segundo uma ordem cronológica e sequencial que torna inteligível e coerente a vivência dos sujeitos. Mas esta é, por sua vez, díspar e multifacetada, tanto para o protagonista, como para o observador-receptor da mensagem. A composição final dessa mesma história, a publicada, denota a reunião de efeitos e de causas e a sequência linear, tal como é descrita pela história e pressuposta pela ordem irreversível do tempo real, dos acontecimentos e da própria idade biológica[30], desde que a continuidade temporal pressuponha a expressa aceitação da temporalidade. Quer dizer, a ideia de que os actores raciocinam e contam os eventos vividos e as suas expectativas passadas, situando-as numa linha temporal significativa para si.

De um ou de outro modo, com esta ou aquela ênfase, nas histórias conduzidas de forma cruzada ou autobiográfica, o que resta sempre perceber é que a história dá, por si, possibilidade ao próprio indivíduo de se *refazer* psicossocialmente, embora nunca tal seja perfeitamente objectivado[31]. Nas suas próprias palavras, o emissor pode *contar-se* e *reflectir-se*, ao mesmo tempo que muda, por um lado, a sua representação da acção levada a cabo e, por outro, a avaliação das consequências manifestas e

[29] Não são, obviamente, identificáveis todos os casos em que os autores das pesquisas realizam investigação, utilizando as histórias de vida, sobre problemáticas que eles mesmo vivem ou viveram. O certo é que, como dita a própria epistemologia metodológica, a vivência do objecto estudado tanto pode favorecer a análise sociológica, como deturpá-la no seu coração, ao tornar-se projecção e análise do próprio investigador.

[30] O exemplo narrativo clássico será o seguinte: "Eu sempre quis ficar aqui, no Norte. Não me lembro de ter pensado sair antes dos 18 anos. Quando o fiz, fui obrigado, fui para a tropa, um mundo novo, lá, em Lourenço Marques. Depois, estive lá aquele tempo todo, quatro anos e voltei, e pronto" (excerto de história de vida de antigo militar português na defesa das ex-colónias).

[31] Podemos sustentar a ideia de que é possível, através do discurso do "eu", construir a imagem desse mesmo sujeito.

potenciais (Leite, 1999). Ainda que seja eminentemente linear na sua forma expressiva e narrativa, o investigador encontrará nessa narrativa a contradição, a respeito da acção e das formas de identificação desta com os seus conteúdos de vida. Além da contradição, a história de vida, revelando o potencial enorme de participação do sujeito, mostra a possibilidade de acesso às zonas de segredo impostas pelos emissores. Em alguns casos, é este manancial de segredo que permite traçar novas linhas de argumentação sobre a *sua* história[32]. Analisando as narrativas dos pais dos estudantes activistas de 1968, em Itália, Hilwing (2001: 581) constata a diversidade de experiências e de entendimentos e contraria a ideia da linearidade dada pelos historiadores que usam fontes documentais apenas, ao afirmar: "Notstanding these concerns, oral history can offer a window onto the emotions and thoughts of the historical participant that are often inaccessible through the traditional processes of historical research".

Chegados aqui, podemos sistematizar as nossas ideias. Os objectos passíveis de análise a partir das histórias de vida, no que definimos ser "cultura moderna"[33], principalmente a descontinuidade, não podem ser entendidos como "novos" objectos, uma vez que a história de vida cobre, por princípio, o estudo dos "pedaços" de vida, das sinuosidades sociais e individuais que, embora adquiram outros conteúdos, permanecem com as mesmas formas historicamente conhecidas. Os modelos culturais estão particularmente vincados nas dimensões do trabalho, da vida privada e profissional e na viabilidade de construção de trajectos e narrativas através do estilo de vida (Bourdieu, 1985). Podemos assumir tratar-se de uma cultura multi-temporal por dois motivos: I) porque facilita o cruzamento de temporalidades diversas e, por vezes, contraditórias, como acontece entre os mundos do trabalho, do lazer e da vida privada e II) porque promete ao indivíduo a realização da sua própria aspiração temporal, inscrita no seu projecto de identidade, ultrapassando possíveis desníveis de poder. Neste sentido, assume-se a cultura moderna como díspar, aberta a várias escolhas e imprimindo a normalidade de ausência de narrativa e de duração. Todavia, faz sentido admitir que, no seio do espaço-tempo social do presente, os indivíduos, seja qual for a sua situação social, sentem necessidade de ser capazes de construir uma narrativa que é, por definição, contínua. Dubar (2002: s/p) é claro no que respeita à sustentabilidade desta hipótese:

[32] A análise sociológica do segredo remonta a Simmel (Simmel, traduzido por Maldonado, 1999: 221), que argumenta o seguinte: "A característica sociológica das combinações entre segredo e revelação na vida do indivíduo é o conhecimento de outrem: aquilo que é intencional ou não-intencionalmente ocultado é intencional ou não-intencionalmente respeitado".

[33] O termo propicia-se a entendimentos múltiplos. O princípio da complexidade temporal impele-nos a usar um conceito de cultura algo desprendido das definições paradigmáticas e disciplinares construídas até aos anos 90 do século XX. O objectivo será conferir à cultura um significado suficientemente lato que permite a sua temporalização ao longo da história e a sua pertinência hermenêutica no quotidiano actual. Tal implica considerar a cultura como um composto de significados e, por isso, não necessariamente definidora de um complexo isomórfico de comportamentos, crenças e valores mas de uma dinâmica em permanente reconstrução de sentidos e de modos de acção, porventura contraditórios e beligerantes. Por esta ordem de ideias, a cultura encara-se como um conjunto de padrões, modelos de comportamento, com origem nos modelos de vida actuais e historicamente reproduzidos e actualizados. Engloba a manifestação estética e artística de uma sociedade, assim como os seus sentidos e modelos de orientação da acção. A premissa central aqui é a de que a cultura é o principal veículo de *performance* da identidade colectiva e individual, "corporizada" no quotidiano e "ritualizada" no tempo e no espaço da acção do presente.

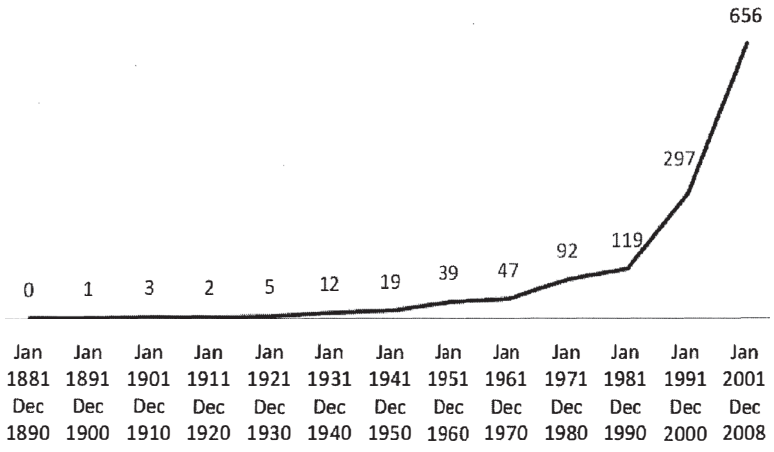
"Ainsi, l'insertion des individus des sociétés contemporaines dans la vie sociale (et d'abord sur le marché du travail) exige qu'ils se dotent d'un discours sur eux-mêmes, sur leurs «compétences» et sur leur «projet», sur leurs réalisations passées et sur leurs perspectives futures, bref sur la manière dont ils articulent, dans leur discours, les trois temporalités (subjective, intersubjective et «objective») précédentes. Cette mise en scène de soi (valable aussi en matière matrimoniale ou symbolique) est devenue une épreuve décisive de l'accès à la reconnaissance sociale, impliquant aussi bien l'estime de soi, la coopération avec les autres que l'inscription dans la vie publique (emploi et citoyenneté notamment) ".

Assim, o que será novo, e aqui reside a pertinência deste texto, é o argumento de que a história de vida, no contexto da experiência vida moderna, deixa de (poder) ser enunciada apenas como narrativa coerente e como história (linear). Pode ser também apresentada na sua descontinuidade, alternância e ambivalência, sem perder o seu carácter científico (observados os passos metodológicos), o que se torna possível através da sua composição "artística". Esta ocorre quando o investigador e/ou outros adoptam, no contacto com os receptores, uma forma narrativa não linear mas *performativa*, isto é, dando forma *teatral* à própria história, propondo um exercício de reflexividade que incide sobre os sentidos da audição e da visão, mais do que da leitura.

4. Definição e âmbito de aplicação das histórias de vida

A análise que fizemos à base das publicações *Sage* permite destacar um aumento significativo de artigos em que história de vida é referenciada. É notório que, em grande parte dos casos, é realizada uma história biográfica ou um conjunto de entrevistas aprofundadas. O incremento no uso das "histórias de vida" (assim compreendendo as histórias biográficas) dá-se a partir de 1990, como se observa no gráfico seguinte (gráfico n.º1).

Gráfico n.º1 – Artigos contendo as palavras "sociology" e "life history"



Fonte: Recolha de dados da Sage Publications

A produção de conhecimento está relacionada com as dinâmicas de desenvolvimento científico e académico. À medida que aumenta o número de investigadores ligados à pesquisa social, alarga-se o leque de temáticas em estudo. Os anos 90 do século XX marcam uma viragem substantiva no modo de fazer investigação em ciências sociais. Revelam, ainda, uma relativa autonomização e "legitimação" de estudos sobre problemas até então considerados não complemente válidos ou próprios à análise sociológica. Enquadram-se aqui, muito particularmente, todos os estudos que, de forma mais ou menos directa, se ligavam à problemática das subculturas "desviantes", do género, da sexualidade e do activismo operário. Sobre este assunto, reforce-se que as correntes feministas tiveram um importante papel na intensificação do uso das histórias de vida, adoptando uma abordagem tipicamente interaccionista e micro-sociológica na forma de construir conhecimento (Olson e Shopes, 1991; Plummer, 2001). Apesar de a pesquisa se situar no estudo do comportamento da Sociologia, aparecem outros artigos relacionados com a Medicina e a Psicologia. Nestes casos, os textos mencionam a utilização de metodologias qualitativas (para além das histórias de vida, outras técnicas) na intervenção social direccionada, em especial, à experiência da doença (o cancro e a doença mental). A análise aos temas de investigação em sociologia possibilita consolidar a coerência dos argumentos apresentados acima.

O uso do método biográfico em investigação liga-se a objectos de pesquisa, de certo modo, "tradicionais", isto se recordarmos a trajectória da utilização do método qualitativo em sociologia. Referimo-nos, neste caso, a objectos como: a experiência da doença; a experiência do desvio e crime; a identidade feminina e a sexualidade; a vivência da profissão e os processos de construção identitária. Com efeito, a principal vaga de utilização de histórias de vida concorre com a emergência e o crescimento do *Tavistock Institute*, de Londres[34], ligado à pesquisa e intervenção sobre doença mental e da Escola de Chicago, esta associada ao estudo dos padrões de delinquência, crime e desvio. A sexualidade e a experiência das identidades no feminino são temas mais recentes. Relacionam-se com a entrada de mulheres no mundo da investigação académica e com a própria autonomização e "legitimação" da metodologia qualitativa, em especial quando estão em causa processos dinâmicos, subtis, não acessíveis através de instrumentos de tipo quantitativo e com carácter extensivo, como os que envolvem relações de poder, discriminação e estigma. O estudo das identidades profissionais, com uma trajectória bastante ligada ao uso do método quantitativo, especialmente na tradição da escola francesa pode também ser incluído no seio dos objectos tradicionais, dado que foi central em autores como Becker (1973) e outros dedicados ao estudo dos processos através dos quais os indivíduos se identificam com as actividades profissionais, incorporam uma certa visão do mundo e partilham um determinado universo cultural. A memória colectiva e a identidade formam outro tipo de par propício ao estudo através da utilização das histórias de vida. São objectos um pouco mais recentes e ligam-se à crescente preocupação histórica da sociologia. O quadro seguinte (quadro I) permite-nos algum detalhe no que respeita à distribuição dos temas dos artigos resultantes da pesquisa dirigida pelas palavras *sociology* e *life history*.

[34] Sítio electrónico do instituto: http://www.tavinstitute.org.

Quadro I – Temas de Artigos Encontrados

Temas	%
Contactos Interculturais, Política e Migrações[1]	2,6
Educação e Ciência[2]	6,4
Exclusão Social e Desvio[3]	13,0
Família[4]	2,8
Identidade e Memórias[5]	9,8
Liderança e Profissões[6]	6,8
Método[7]	10,0
Organizações e Empresas[8]	6,4
Saúde e Doença/ (experiências)[9]	10,6
Sexualidades[10]	11,4
Outros Temas[11]	7,6
Resumo Indisponível[12]	8,6
Não se trata de artigos[13]	4,0
Total	**100**

Fonte: Sage Publications (http://online.sagepub.com/)

[1] Nesta secção, encontrámos textos relacionados com a interculturalidade. Assim, surgem artigos que nos falam sobre a fusão de culturas na cidade de Londres (Mavrommatis, 2006) e sobre o programa H1-B de atribuição de vistos pelos EUA a cidadãos estrangeiros, entre outros.

[2] Estes artigos descrevem investigações sobre temas relacionados com o ensino, desde o uso de métodos de aprendizagem (Krogh Christensen, 2007), passando pelo impacto da baixa escolaridade dos jovens na transição para a sua fase adulta (Simpson e Cieslik, 2007), até à baixa alfabetização da comunidade cigana inglesa. Nesta categoria, colocámos também os artigos relacionados com a inovação científica. Por exemplo, podemos referir um artigo que trata do uso de novas tecnologias nas escolas nos EUA (Zhao e Frank, 2003).

[3] Estas matérias foram amplamente trabalhadas por autores relacionados com a Escola de Chicago e é nestes temas que encontramos mais artigos. Surgem trabalhos relacionados com a droga nas prisões (Crewe, 2005), o estudo de gangs femininos (Cepeda e Valdez, 2003), a violência doméstica, (Anderson e Saunders, 2003), o consumo de estupefacientes (Hser, Longshore e Anglin, 2007).

[4] A "família" apresenta-se como um dos temas com menos resultados na nossa pesquisa. A este respeito, surgiram artigos sobre a relação entre o trabalho e conflitos familiares (Winslow, 2005) ou, por exemplo, experiências de pais após a descoberta da homossexualidade dos seus filhos (Aveline, 2006).

[5] A identidade e a memória envolvem temas como o holocausto nazi (Schiffrin, 2003), a relevância da memória desde o período medieval até à contemporaneidade (Chen e Packard, 2005) e as transformações do corpo na velhice (Fox, 2005).

[6] Estes artigos abordam temas relacionados com histórias profissionais, incluindo a liderança. São histórias de pessoas que, de alguma forma, tiveram um papel importante na sua comunidade: aparecem artigos como a biografia de um professor (Otnes, 2006) e um trabalho baseado na autobiografia de Lance Armstrong, entendido pelos autores (Butryn e Masucci, 2003) como o modelo do atleta da modernidade.

[7] Este tema reúne artigos relacionados com algumas práticas metodológicas, desde o uso da metodologia qualitativa na medicina (Katz e Mishler, 2003) até a uma análise das metodologias utilizadas no estudo da administração pública (Evans e Lowery, 2004).

[8] Aqui estão reunidos os trabalhos que se relacionam, genericamente, com a economia: economia chinesa (Luova, 2006), a evolução da construção de hotéis em Singapura (Teo, 2001) e as experiências de emprego na Alemanha de Leste após a unificação (Solga e Diewald, 2001).

[9] A saúde é uma dos temas com maior destaque nas histórias de vida. Apesar de nem todos os textos mencionados utilizarem esta técnica, aparecem vários relacionados com a experiência de doenças (Riessman, 2003) e as utilizações das histórias de vida na cura de algumas (Rosenthal, 2003).

[10] É um dos temas com mais registos. Agrupam-se aqui artigos sobre histórias de vida de indivíduos homossexuais (Brotman e Kraniou, 1999) ou acerca da violência sobre as mulheres (Straus, 2006).

[11] Incluem-se temas diversos sobre religião, filosofia, ecologia, biologia, psicologia, entre outros.

[12] Estes artigos não possuem resumos online, não sendo, por isso, possível saber quais os seus temas.

[13] Trata-se de artigos que surgem no resultado da pesquisa mas não são artigos. São índices ou colecções de artigos.

A análise que expusemos até agora parte de uma agregação simples de todos os textos cujos resumos incluem as palavras pesquisadas. Mas uma análise mais pormenorizada dá conta que 261 do total de artigos não mencionam explicitamente a utilização directa das histórias de vida, embora sejam tidos como indicativos do seu uso. Tal só acontece com 59 artigos. Apesar de se tratar de cerca de 25% do total de artigos, continuamos a achar importante a análise à base porque nos mostra o mesmo tipo de regularidade que encontrávamos acima em relação ao total, isto é, que é relevante a percentagem de trabalhos apenas relativos à discussão metodológica.

Quadro II – Temas referentes ao Método Biográfico

Temas	%
História de vida	58,4
História oral	5,0
Método biográfico	17,8
Referência[1]	18,8
Total	**100**

Fonte: Sage Publications (http://online.sagepub.com)

[1] Trata-se de textos que apenas mencionam, nas suas referências, o uso do método biográfico (Tierney, 1998).

As histórias de vida mencionadas nos 59 artigos têm, na maioria, uma orientação etnográfica (90%). Só 8% revelam uma orientação psicográfica e apenas 10% têm a forma de auto-biografia. Em relação aos temas, a tendência é muito igual à que se registava antes de isolar apenas os artigos que incluíssem a utilização, em situação de pesquisa, da história de vida. Assim, as experiências (saúde e doença), exclusão social/desvios, sexualidade e profissões representam mais de 50% do total. Fora estes temas, a diversidade é elevada, não sendo possível afirmar outras tendências (ver quadro III).

Quadro III – Temas das Histórias de Vida

Temas	%
Contactos Interculturais, Política e Migrações	6,8
Educação e Ciência	8,5
Exclusão Social e Desvio	18,6
Identidade e Memórias	8,5
Liderança e Profissões	15,3
Organizações e Empresas	5,1
Saúde e Doença (experiências)	11,9
Sexualidade	25,4
Total	**100**

Fonte: Sage Publications (http://online.sagepub.com/)

Um dos dados mais relevantes que encontrámos prende-se com o tipo de sujeitos estudados. Apesar da margem de indivíduos envolvidos no estudo de temáticas como a profissão, a experiência de eventos/acontecimentos e organizações (nomeadamente a respeito dos processos de liderança), a maioria das pesquisas (60%) versa sobre grupos que mais ou menos explícita e objectivamente ocupam uma posição fragilizada em termos de estruturas de poder no espaço social e que, em grande parte dos casos, apresentam um índice de participação sócio-político fraco. Não chega a 15% o peso de temáticas relacionadas com grupos mais privilegiados e dominantes.

Quadro IV – Grupos a que se referem as Histórias de Vida

Temas	%
Acontecimento[1]	11,9
Cultura Profissional	13,6
Grupo "Dominado"	20,3
Grupo "Privilegiado"	5,1
Subcultura/Minoria	40,7
Sucesso/Liderança	8,5
Total	100

Fonte: Sage Publications (http://online.sagepub.com/)

[1] Histórias sobre um acontecimento que marcou um determinado período da vida de um indivíduo.

Há muitas outras pesquisas que ficam fora da classificação. Todavia, e à luz do que sabemos sobre a tradição das histórias de vida e do método qualitativo, assim como das abordagens microssociológicas, tendentes a desconstruir o mundo dos grupos menos ouvidos politicamente, é interessante relacionar esta tendência com o país de proveniência das pesquisas em que se utilizam as histórias de vida. Do conjunto dos 59 artigos que referem utilizar as histórias de vida, 20% tem origem nos EUA e 26% no Reino Unido. Os restantes encontram-se muito dispersos por diversos países, embora seja perceptível uma preponderância dos países anglo-saxónicos. Não obstante o aumento do número de pesquisas com recurso a histórias de vida, observa-se que estas continuam relegadas para o estudo de problemas e de grupos que, em maior ou menor grau, se sentem pertencentes a subculturas minoritárias. Apesar de continuar a ser relevante o seu uso neste tipo de problemáticas, consideramos essencial, por um lado, revalidar o uso das histórias de vida na definição dos métodos e pesquisa e, por outro, alargar o âmbito de aplicação das histórias de vida a uma gama de assuntos que são únicos na experiência da cultura moderna, muito em particular a experiência da descontinuidade temporal, incluindo a possibilidade de as mesmas poderem ter um fim *performativo*[35] não só através dos seus conteúdos relatados e escritos, mas representados em cena. O ponto seguinte ocupa-se desta ideia.

[35] No sentido de "fazer realidade". Para análise inicial do conceito de performatividade, ver Austin (1962). Este conceito tem tido actualização constante, sobretudo devido ao paradigma construtivista.

As histórias de vida sugerem, no formato de história total, história biográfica ou narrativa oral e no âmbito das ciências sociais e do seu aparato metodológico, uma primeira clivagem com a metodologia positivista. Embora esta dualidade não possa ser considerada como tendo sido efectivamente real no seio das ciências sociais, nem como totalmente inteligível, dada a complementaridade existente entre métodos, é certo que as histórias de vida favorecem a análise micro-sociológica. Estas, no entanto, nem sempre indicam as mesmas conclusões dos estudos de tipo mais estrutural e macro-sociológico. Grande parte das vezes, a abordagem biográfica é metódica e teoricamente sustentada para ser usada em estudos de grupos e fenómenos sociais, cuja complexidade escapa às análises macro-estruturais, solicitando procedimentos de investigação de tipo indutivo. Alguns exemplos podem ser usados para clarificar esta finalidade das histórias de vida: os movimentos sociais, sua génese e modelo de actuação e os processos de subordinação de indivíduos, grupos ou classes, entre outros. Nesta linha, Haguette (1995: 82) vinca, seguindo de perto Becker (1973) e Mead (1959), que a história de vida "pode fazer sugerir novas variáveis, novas questões e novos processos que podem conduzir a uma reorientação da área". Além disso, a história de vida, contrariamente a outro tipo de condução metodológica, permite superar, em larga medida, a "inércia" dos dados e das conclusões obtidas numa investigação que tende a ser localizada num tempo dado. Tal acontece porque a história de vida é, em si, apelativa da dinâmica inscrita na possibilidade de existir permanente reformulação de pontos de vista, quadros valorativos e modelos de acção dos próprios actores "sujeitos" a análise. Haguette (1995:82) sustenta esta ideia, por exemplo, ao afirmar tratar-se de um enquadramento metodológico adaptado ao estudo da delinquência, da corrupção, do roubo, do crime, da droga, da doença, da experiência das fases da vida.

A história de vida, inserta na opção metodológica biográfica, envolve importantes e centrais decisões teóricas acerca dos objectos em análise, da sua pertinência sociológica e da sua relação com a temporalidade. Envolve, ainda, decisões sobre perdas em termos de possibilidade de generalizar e ganhos quanto à capacidade de ajudar a reformular paradigmas de interpretação da realidade. Ora, como se aludiu acima, a história de vida possibilita ao investigador o confronto com a própria dinâmica da realidade social, os actores envolvidos e os papéis e modos de actuação das instituições. Tradicionalmente, retomaríamos aqui os objectos de estudo já mencionados, como o crime, a prostituição, a corrupção, entre vários outros. É possível, no entanto, introduzir outros fenómenos sociais, tais como a emigração, os consumos e a mobilidade social. Neste último caso, verifica-se que as histórias de vida são muito pouco utilizadas. Trata-se de um campo de análise normalmente mais tratado à luz dos modelos de análise quantitativa. Por isso, as histórias de vida tenderam a ser consideradas, no âmbito da sociologia das classes e da estratificação social, como subsidiárias da abordagem cultural, especialmente ligada à Escola de Chicago, injustamente desvalorizada na sua qualidade de resgate dos processos e mecanismos de auto-identificação dos grupos sociais.

As histórias de vida representariam novas possibilidades para analisar os valores e os processos simbólicos incorporados nas posturas dos actores sociais, assim como os entendimentos e as reacções destes à fragilidade da acção das organizações e das instituições sócio-políticas, em particular no que respeita à estruturação dos seus percursos de vida. Ademais, permitiriam ir, assim, além do estudo sobre grupos minoritários ou com fraca imposição social. Por esta linha de argumentação, torna-se mais claro por que motivo a história de vida não pode ser remetida apenas ao âmbito da definição da cultura alicerçada na dimensão estética e expressiva. Bourdieu (2002), na teoria da prática, muito concretamente, a propósito do conceito de *habitus*, sustenta esta assunção sobre a abrangência cultural das relações de poder e dos processos temporalizados de posicionamento social dos actores sociais. Com efeito, o estudo da mobilidade social e da *reprodução* dos seus mecanismos, envolvendo estas as escolhas e as oportunidades dos indivíduos nos seus diversos grupos de pertença, supõe o uso de uma definição de cultura que engloba valores sociais, políticos e religiosos e não se fica pela dimensão estética, não obstante o peso desta.

As histórias de vida, como vimos acima, decorrem de uma necessidade quase naturalista de observar e descrever o real vivido e contado· mas, como se enuncia nesta mesma frase, o "vivido" é, simultaneamente, pensado, desejado e projectado. Tal significa que a história de vida, podendo envolver maior ou menor intervenção do investigador na construção dos sentidos e localização histórica da narração, transporta sempre conotações que estão para além do texto, são ilusórios embora efectivos na produção de efeitos. O livro *La Misére du Monde*, de Bourdieu (1993), sugere o jogo das múltiplas temporalidades a que se sujeitam os operários fabris num sistema capitalista globalizado, sem propor um grande quadro teórico sobre esta questão. São as próprias entrevistas e a informação dali proveniente que deixam transparecer a dinâmica da vida da "classe" operária, suas visões do mundo e seus constrangimentos. Por esta ordem de ideias, as próprias palavras e gestos *contados* através da narrativa (em formato de história oral ou de história de vida, aqui acompanhada de documentação e de outras fontes de informação) são capazes de potenciar sentidos no leitor e no receptor da história de vida, carecendo este apenas de *backgrounds* informativos suficientemente estruturados que permitam, de facto, enquadrar os conteúdos e as formas das narrativas. Podemos, *grosso modo* e mesmo assim, afirmar que a história de vida fornece e tece conteúdos legíveis do ponto de vista semântico aos outros e à comunidade, em geral. A dinâmica temporal da história de vida não está, assim, apenas nos conteúdos que relata da acção dos sujeitos mas no que ela, depois de concluída, permite inferir, para além do presente. Por isso, a história de vida tem, de facto – mesmo a que é sujeita a quase nenhuma construção por parte do investigador –, um paralelismo com a função crítica da arte, enquanto retrato verídico e, simultaneamente, metafórico de uma situação social (e política) dada. As histórias de violência doméstica sobre mulheres, sobre os efeitos da relação parental no desvio, da sujeição de povos a invasões e a guerras, entre múltiplas outras, propiciam-se a ser lidas como textos de onde se extraem os sentidos encobertos das acções, por vezes não conscienciализados pelos próprios sujeitos da história, em discurso directo.

Passamos, agora, ao ponto em que a história de vida pode ser usada para fins artísticos, formativos e pragmáticos, como meio de fazer "falar" o social. Thomas Mann, Kafka, Tolstoi, Dumas, Balzac, Zola, Flaubert e Garcia Márquez, entre muitos outros, são citados por Meneghel (2007) como exemplos de autores em cujos romances tanto se fala de uma vida individual, do jogo de reflexividade do protagonista perante o meio envolvente, a sociedade e a cultura, como de uma época histórica, de uma experiência e consciência comuns, relativas a um dado evento ou período histórico. A performatividade, aqui entendida como *teatralidade*, por mais que se pretenda recusar, é uma potencialidade e uma característica do social e pode ser manifesta a partir do resultado da análise do social – os autores interaccionistas são particularmente adeptos da eleição da sociedade como palco – ou através do método – as próprias técnicas utilizadas na recolha de informação modelam e potenciam a construção e a teatralização do social.

No caso das histórias de vida, a *performatividade* tem de ser colocada a dois níveis: por um lado, ao nível do próprio método que determina um saber fazer específico, culmina num produto concreto passível de devolução ao grupo estudado e de uso no mundo social. Por outro lado, ao nível dos conteúdos, isto é, a história de vida como fornecedora de recheios narrativos passíveis de composição artística, estética de entretenimento, neutral ou objectivamente destinada a crítica social.

Em vários outros domínios, a ciência autonomizada e secularizada adopta uma postura cada vez mais aberta ao diálogo com a religião, a arte e a política, reconhecendo os limites das fronteiras entre si. Nas ciências sociais, o debate mais recente sobre a cultura, a sua predominância na experiência social do mundo e a sua complexidade, traz ao de cima a força de uma dialogia substantiva com o discurso artístico, através do realismo na composição de obra e a necessidade do seu efeito crítico e agente de mudança no social.

Conclusão

A história de vida integra um método de recolha e tratamento de informação legitimado mas reconhecemos que seja conhecida, também, a sua capacidade de sustentar medidas de intervenção sobre a realidade social. A rede de investigadores sobre métodos biográficos explora a utilização de diários e outros materiais de relevo biográficos, com a finalidade de contribuir para a intervenção social sobre vários domínios com teor mais ou menos terapêutico, lúdico ou cultural. Em todos estes casos, a grande potencialidade da história de vida consiste em permitir que o Outro se reveja e explore as identificações, as dissemelhanças e as acções mais ou menos conseguidas.

É certo que as ciências sociais, muito em particular num dos domínios que têm sido mais pobremente tratados em Portugal – a investigação-acção-participação[36] – têm desenvolvido diversas formas de operacionalidade dos métodos, concomitan-

[36] A génese e a evolução das metodologias de investigação-acção e participação incorporam vários destes princípios, sendo que a grande parte destas está ligada a Kurt Lewin, Carl Rogers e, mais tarde, a grande parte dos investigadores do *Tavistock Institute*, de Londres.

te com uma certa necessidade de usar e mostrar para que servem os resultados da investigação, do ponto de vista da crítica sócio-política e da mudança social. Mas é necessário destacar duas fases principais neste caminho de demonstração. Uma primeira, em que tanto a aplicação do método como a realidade dos resultados são usadas em contexto terapêutico e quase etnometodológico. Nesta fase, os resultados servem para potenciar a projecção e a identificação por parte dos participantes sobre os quais se dirige uma acção (de intervenção). Uma segunda, mais recente, em que as histórias dos sujeitos, além de continuarem a guardar o carácter de "história de outro", potencialmente identificativa da trajectória de qualquer um (quando retrata o sucesso ou o fracasso), são criadas e construídas com toda a realidade pragmática do dia-a-dia. São reescritas de forma hermenêutica e artística, de modo a servirem de retrato, de crítica e de demonstração social, tendo um papel relevante na transformação desse social[37]. Neste segundo caso, estamos a falar da teatralização do social realizada mediante a realidade do mesmo social, gerado no tempo do método de recolha e de tratamento de dados: a história de vida. Estamos no ponto em que a ciência e a arte se entrecruzam porque são os cientistas que elaboram as histórias e as escrevem elegendo tipologias e dando-lhes vida necessária à identificação, à crítica ou à plena criação e prazer estético das mensagens. Reforcemos a ideia de que uma das aspirações da teoria social tem sido não só a crítica, como a construção para a reflexão e acção sobre o social. Começámos por sugerir que as histórias de vida seriam adaptadas ao estudo das realidades sociais complexas e descontínuas. Apesar de termos insistido na sua utilização em objectos de estudo que podemos considerar "tradicionais" em sociologia, destacamos as potencialidades das histórias de vida ao nível da sua performatividade[38]. Sustentámos que as histórias de vida, ao poderem ser transpostas para um modo de redacção e de tratamento mais "artístico", dramático e performativo, podem propiciar não só aos sujeitos, mas também aos investigadores, um domínio mais próximo da experiência da descontinuidade, seja esta a tipicamente característica de qualquer percurso biográfico ou a objectivamente provocada pelas condições de vida na actualidade, as quais instalam e legitimam a descontinuidade como traço característico da experiência social. Assim usadas, as histórias de vida terão, ainda, a potencialidade de *actuar* sobre o mesmo social, seja na forma terapêutica ou crítica.

Concluímos que os cientistas sociais se confrontam com a necessidade de, a partir do saber metodológico e epistemológico acumulado ao longo do tempo, serem capazes de produzir e adequar novos métodos de estudo e de intervenção sobre o social que não é mais estável e capaz de se organizar numa temporalidade contínua. As histórias de vida, no seu uso tradicional e também na sua vertente mais *performativa*, potenciam, desde de que fundamentadas em pressupostos de rigor científico, a pesquisa de uma mais extensa gama de processos identitários, revelando, por um lado, a objectivação da descontinuidade e, por outro, a crise de subjectividades ali implicada. Muitas questões acerca do tipo de discurso científico que criam e sustentam ficam ainda em aberto.

[37] As histórias de vida começam a ter uma aplicação importante no contexto da formação e da prática pedagógica (Bueno, Chamlian, Sousa *et al.*, 2006).
[38] No Reino Unido intensifica-se, cada vez mais, a exploração teórica da social performative science.

Referências Bibliográficas

ADAM, Barbara (1990), *Time and social theory, Oxford*, Polity Press

ALBARELLO, L. et al. (1997), *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais, Lisboa*, Gradiva

ANDERSON, K. D. e SAUNDERS, G. D. (2003), "Leaving An Abusive Partner: An Empirical Review of Predictors, the Process of Leaving, and Psychological Well-Being", *Trauma, Violence, & Abuse*, 4 (2), pp.163-191

AUSTIN, J.L. (1962), *How to Do Things with Words*, Oxford, Clarendon Press

AVELINE, D. (2006), "Did I Have Blinders on or What?": Retrospective Sense Making by Parents of Gay Sons Recalling Their Sons' Earlïer Years", *Journal of Family Issues*, 27 (6), pp. 777-802

BAUMAM, Zygmunt (2003), *The individualized society*, Cambridge, Polity Press

BECKER, H.S. (1973), *Outsiders*, New York, Free Press Paperback

BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas (1999), *A construção social da realidade: Um livro sobre sociologia do conhecimento*, Lisboa, Dinalivro

BERGSON, Henri (1992), *Durée et simultanéité*, Paris, Presses Universitaires de France

BERTAUX, Daniel (1986), "Fonctions diverses des récits de vie dans le processus de recherche", in Danielle Desmarais e Paul Grell (eds.), *Les récits de vie: Théorie, méthode et trajectoires types*, Montreal, Editions Saint-Martin, pp. 21-34

BERTAUX, Daniel (1997), *Les Récits de Vie: Perspective Ethnosociologique*, Paris, Nathan

BOURDIEU, Pierre (1993), *La misère du monde*, Paris, Editions du Seuil

BOURDIEU, Pierre (2002), *Esboço de uma teoria da prática; precedido de três estudos de etnologia cabila*, Oeiras, Celta Editora

BOURDIEU, Pierre (1986), "L'illusion biographique", *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/ 63, pp. 69-72

BROTMAN, S. e KRANIOU, S. (1999), "Ethnic and Lesbian: Understanding Identity through the Life-History Approach", *Affilia*, 14 (4), pp. 417-438

BUENO, B. O., CHAMLIAN, Helena C., SOUSA, PEREIRA, Cynthia et al. (2006), "Life histories and autobiographies in teacher education and teaching profession", *Educação e Pesquisa*, 32, pp.385-410

BUTLER, Judith (2003), *Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira

BURTRYN, Ted M. e MASUCCI, M. A. (2003), "A Cyborg Counternarrative of Lance Armstrong", *Journal of Sport & Social Issues*, 27 (2), pp. 124-144

CEPEDA, A. e Valdez, A. (2003), "Risk Behaviours among Young Mexican American Gang-Associated Females: Sexual Relations, Partying, Substance Use, and Crime", *Journal of Adolescent Research*, 18 (1), pp. 90-106

CHAMPAGNE, Patrick., LENOIR, R. MERLLIÉ, Dominique e PINTO, Louis (1990), *Initiation à la Pratique Sociologique*, Paris, Dunod

CONNERTON, Paul (1999), *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora

CREWE, B. (2005), "Prisoner society in the era of hard drugs", *Punishment & Society*, 17 (4), pp. 457-481

DELORY-MOMBERGER, C. (2006), "Formação e socialização: Os ateliês biográficos de projeto", *Educação e Pesquisa*, 23 (13), pp. 359-371. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022006000200011&script=sci_arttext [Julho, 2008].

DEMAZIÈRE, Didier, DUBAR, Claude (2004), *Analyser les entretiens biographiques*, Quebéc, Presses de l'université de Laval

DENZIN, N. (1989), *Interpretive Biography*, Newbury Park, Sage

DIGNEFFE, Françoise, BECKERS, Myriam, (1997), "Do individual ao social: A abordagem biográfica", in Luc Albarello, Françoise Digneffe, Jean-Pierre Hiernaux, Christina Ma-

roy, Danielle Ruquoy & Pierre de Saint-Georges, *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 203-245

DUBAR, C. (2002), "L'articulation des temporalités dans la construction des identités personnelles: questions de recherche et problèmes d'interprétation", *Temporalités*, 44, Disponível em: http://www.sociologics.org/temporalistes/indarch.php?page2=dubar_n44_02 [Dezembro, 2007]

DUBAR, C. (2004), "Régimes de temporalités et mutation des temps sociaux", *Temporalités*, 1, pp. 108-119

DUCHOWNY, L. (2005), "Life Plus 99 Years, Nathan Leopold and Chicago Criminology", *Journal of Contemporary Criminal Justice*, 21 (4), pp. 336-349

ESCOLAR, C. et al (2002), "Historia de vida y subjetividad: soportes epistemológico", Revista Litorales, 1 (1). Disponível em: http://litorales.filo.uba.ar/web-litorales/articulo4.htm [8 de Julho, 2008]

FOX, Nick J. (2005), "Cultures of Ageing in Thailand and Australia. (What Can an Ageing Body Do?)", *Sociology*, 39 (3), pp. 481-498

FRASER, Heather (2004), "Doing Narrative Research: Analysing Personal Stories Line by Line", *Qualitative Social Work*, 3, pp.179-203

FUENTE, C. e al (2002), "Historia de vida y subjetividad: soportes epistemológico", Revista Litorales, 1 (1). Disponível em: http://litorales.filo.uba.ar/web-litorales/articulo4.htm [8 de Julho, 2008]

GIDDENS, Anthony (1991), *Modernidade e Identidade Pessoal/ Modernity and self-identity*, Oeiras, Celta

GIDDENS, Anthony (1992), *The Transformation of Intimacy*, Cambridge, Polity Press

GIDDENS, Anthony (2001), *Modernidade e identidade pessoal*, Oeiras, Celta Editora

HAGUETTE, T., FROTA, M. (1995), *Metodologias qualitativas na sociologia*, Petrópolis, Vozes

HALBWACHS, M. (1959/1997), *La memoire collective*, Paris, Albin Michell

HALL, E. T. (1996), *A dança da vida: A outra dimensão do tempo*, Lisboa, Relógio d'Água

HEIDEGGER, M. (1993), *Ser e tempo*, Petrópolis, Vozes

HILWING, Stuart J. (2001), "Are you calling me a fascist? A Contribution to the Oral History of the 1968 Italian Student Rebellion", *Journal of Contemporary History*, 36 (4), pp. 581–597

HORDER, W. (2004), "Reading and Not Reading in Professional Practice", *Qualitative Social Work*, 3 (3), pp. 297-311

HOULE, G. (1997), "Clinical Analysis in the social Sciences: Towards a practical epistemology", *International Sociology 12* (2), pp. 191-203

HSER, Y., LONGSHORE, D. e ANGLIN, M. D. (2007), "The Life Course Perspective on Drug Use: A Conceptual Framework for Understanding Drug Use Trajectories", *Evaluation Review*, 31 (6), pp. 515-547.

HUSSERL, Edmund (1986), *A ideia da fenomenologia*, Lisboa, Edições 70

JENNINGS, Rebecca (2004), "Lesbian Voices: The Hall Carpenter Oral History Archive and Post-war", *Sexualities*, 7, pp. 430-445

KATZ, A. e MISHLER, E. (2003), "Close encounters: exemplars of process-oriented qualitative research in health care", *Qualitative Research*, 3 (1), pp. 35-56

KROGH, Christensen, M. (2007), "Biographical learning as health promotion in physical education. A Danish case study", *European Physical Education Review*, 13 (1), pp.5-24.

LALLEMENT, Michel, GADÉA, C. (2004), "Une revolution inachevée: Durkheimianisme et sociologie du temps", *Temporalistes*, 1, pp. 48-68

LEITE, Carolina (1999), "Conto e histórias de vida nas Ciências Sociais", *Cadernos do Noroeste*, Braga, pp. 219-228

LEWIS, Oscar (1970), *Os Filhos de Sanchez*, Lisboa, Moraes Editores

LOWERY, D, EVANS, K. G. (2004), "The Iron Cage of Methodology, The Vicious Circle of Means Limiting Ends Limiting Means", *Administration & Society*, 36 (3), pp. 306-327

LUHMANN, Niklas (1990), *Essays on self-reference*, New York, Columbia University Press

LUOVA, O. (2006), "Mobilizing Transnational Ethnic Linkages for Economic Development: The Case of Yanbian Korean Autonomous Prefecture", *China Information*, 20 (1), pp. 33-67

MALDONADO, Simone (1999), "O Segredo – Georg Simmel", *Política e Trabalho*, 15, pp. 221-226

MAVROMMATIS, G. (2006), "The New 'Creative'Brick Lane, A Narrative Study of Local Multicultural Encounters", *Ethnicities*, 6 (4), pp. 498-517

MCDONALD, Kevin (1999), *Struggles for subjectivity: Iidentity, action and youth experience*, Cambridge, Cambridge University Press

MEAD, George H. (1959), *The Philosophy of the Present (1932)*, La Salle, Open Court

MENEGHEL, S. N. (2007), "Histórias de vida: Notas e reflexões de pesquisa", *Athenea Digital*, 12, pp. 115-129

NOWOTNY, H. (1996), *Time: The modern and post-modern experience*, Cambridge, Polity Press

OLSON, K. e SHOPES, L. (1991), "Crossing Boundaries, Building Bridges: Doing Oral History among Working-Class Women and Men", in S. Berger Gluck & D. Patai (eds), *Women's Words: The Feminist Practice of Oral History*, New York, Routledge, pp. 189-204

OTNES, P. (2006), "Dag Østerberg: Determination through Ruptures, the Dialectics of Post-Positivism", *Acta Sociologica*, 49 (1), pp. 19-28

PACKARD, N, CHEN, C. (2005), "From Medieval Mnemonics to a Social Construction of Memory, Thoughts on Some Early European Conceptualizations of Memory, Morality, and Consciousness", *American Behavioral Scientist*, 48 (10), pp. 1297-1319

PAIS, José Machado (2002), *Sociologia da vida quotidiana: Teoria, métodos e estudos de caso*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

PLUMMER Ken (2001), "The Call of Life Stories in Ethnographic Research", in P. Atkinson, A. Coffey, S. Delamont, J. Lofland & L. Lofland (eds), *Handbook of Ethnography*, London, Sage, pp. 395-406

POIRIER, J. et al (1999), *Histórias de vida*, Oeiras, Celta

POLLAK, Michel (1989), "Memória, esquecimento e silêncio", *Estudos Históricos*, 283, pp.3-15

POLLAK, Michel (1992), "Memória e Identidade Social, Estudos Históricos", 5 (10), pp. 200-212

POMIAN, Karl (1993), "Tempo/ temporalidade", in G. Fernandes (ed.), *Enciclopédia Einaudi*, 29, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

RICH, E. (2004), "Exploring Teachers' Biographies and Perceptions of Girls' Participation in Physical Education", *European Physical Education Review*, 10 (2), pp. 215-240

RIESSMAN, C. K. (2003), "Performing identities in illness narrative: masculinity and multiple sclerosis", *Qualitative Research*, 3 (1), pp. 5-33

RICOEUR, Paul (1994), *Tempo e Narrativa*, São Paulo, Papirus

ROSENTHAL, G. (2003), "The Healing Effects of Storytelling: On the Conditions of Curative Storytelling in the Context of Research and Counselling", *Qualitative Inquiry*, 9 (6), pp. 915-933

SCHIFFRIN, D. (2003), "We Knew That's It: Retelling the Turning Point of a Narrative", *Discourse Studies*, 5 (4), pp. 535-561

SCHUTZ, Alfred (1962), *Collected papers Vol. I. The problem of social reality*, The Hague, Martinus Nijhoff

SIMPSON, D., CIESLIK, M. (2007), "Basic skills and transitions to adulthood", Young, 15 (4), pp. 395-412

SOLGA, H. e DIEWALD, M. (2001) "The East German Labour Market After German Unification: A Study of Structural Change and Occupational Matching", *Work, Employment & Society,* 15 (1), pp. 95-126

SPARKES, Andrew C. (2004), "Bodies, Narratives, Selves, and Autobiography: The Example of Lance Armstrong", *Journal of Sport & Social Issues*, 28 (4), pp. 397-428

STRAUS, M. A. (2006), "Future Research on Gender Symmetry in Physical Assaults on Partners", *Violence Against Women*, 12 (11), pp. 1086-1097

TEO, Albert C. Y. (2001), "How Constitutive Legitimation, Sociopolitical Legitimation, and Competition Affected Foundings of Singapore Hotels, 1832 to 1997", *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 25 (3), pp. 302-319

THOMAS, William, ZNANIECKI, Florian (1984), *The Polish Peasant in Europe and America*, Urbana, University of Illinois Press

TIERNEY, William (1998), "Life History's History: Subjects Foretold", *Qualitative Inquiry*, 4, pp. 49 -79

WEBER, Max (1979), *Sociologia*, São Paulo, Ed. Atlas

WENGRAF, T., CHAMBERLAYNE, P., BORNAT, J. (2002), "A Biographical Turn in the Social Sciences? A British-European View", *Cultural Studies, Critical Methodologies*, 2, pp. 245-269

WINSLOW, S. (2005), "Work-Family Conflict, Gender, and Parenthood, 1977-1997", *Journal of Family Issues*, 26 (6), pp. 727-755

ZHAO, Y., A. FRANK, K. (2003), "Factors Affecting Technology Uses in Schools: An Ecological Perspective", *American Educational Research Journal*, 40 (4), pp. 807-840

Título: CONFIGURAÇÕES 3 2007

Director: Manuel Carlos Silva

Directora-adjunta: Helena Machado

Conselho Consultivo: Ana Nunes de Almeida (ICS, Univ. Lisboa), António Colomer (Univ. Politécnica de Valência), António Lucas Marín (Univ. Complutense); Carlos Alberto da Silva (Univ. Évora), Claude-Michel Loriaux (Univ. Católica de Louvaina), Daniel Bertaux (CNRS, Paris), Elísio Estanque (Univ. Coimbra), François de Singly (Univ. René Descartes-Sorbonne), François Dubet (Univ. Bordéus); Hermínio Martins (St Antony's College, Univ. Oxford), Ilona Kovács (Univ. Técnica de Lisboa); James R. Taylor (Univ. Montreal), João Arriscado Nunes (Univ. Coimbra), João Ferreira de Almeida (ISCTE, Lisboa), João Teixeira Lopes (Univ. Porto), John Law (Univ. Lancaster), José Bragança de Miranda (Univ. Nova Lisboa), José Carlos Venâncio (Univ. Beira Interior), José Madureira Pinto (Univ. Porto), José Manuel Sobral (ICS, Univ. Lisboa), José Maria Carvalho Ferreira (Univ. Técnica de Lisboa), Loïc Wacquant (Univ. Califórnia, Berkeley), Luís Baptista (Univ. Nova de Lisboa), Maria Beatriz da Rocha Trindade (Univ. Aberta), Manuel Villaverde Cabral (ICS, Univ. Lisboa), Manuela Ribeiro (Univ. Trás-os-Montes e Alto Douro), Maria Ioannis Baganha (Univ. Coimbra), Michel Maffesoli (Univ. Paris V, Sorbonne), Ramón Máiz (Univ. Santiago de Compostela), Raymond Massé (Univ. Laval), Renato Lessa (Univ. Fluminense), Veit Bader (Univ. Amesterdão).

Conselho Científico: Emília Rodrigues Araújo, Ana Maria Brandão, António Joaquim Costa, Manuel da Silva e Costa, Ivo Domingues, Maria Engrácia Leandro, Helena Machado, Ana Paula Marques, Maria Paula Mascarenhas, Alice Matos, Teresa Mora, Rita Ribeiro, Manuel Carlos Silva, Carlos Veloso da Veiga, Fernando Bessa Ribeiro (UTAD), Manuela Ribeiro (UTAD), Sheila Khan (Univ. Manchester).

Conselho de Redacção: Ana Maria Duarte, Baltazar Ricardo Monteiro, Carlota Fernandes dos Santos, Fernanda Maria Nogueira, Francisco de Azevedo Mendes, Hélder da Costa Machado, José Fernando Bessa Ribeiro, José Guilherme Leite, José Manuel Machado, José Pinheiro Neves, Manuel Carvalho da Silva, Manuela Ivone Cunha, Maria de Fátima Ferreira, Maria Eugénia Rodrigues, Maria Manuela Ribeiro, Maria Norberta Amorim, Miguel de Melo Bandeira, Telmo Caria, Victor Manuel Rodrigues, Vera Duarte.

Secretariado: Sofia Oliveira (sofiaoliveira@ics.uminho.pt)

Propriedade, redacção e administração: CICS - Centro de Investigação em Ciências Sociais, Universidade do Minho, 4710-057 Braga - Portugal. Telef.: 253 604 695. Fax: 253 604 696. <www.cics.uminho.pt>

Coordenadores deste número: Emília Araújo, Ana Brandão, Joaquim Costa, Rita Ribeiro

Normas para apresentação e avaliação de artigos:
Apresentação de originais: os textos propostos para publicação devem seguir as normas sugeridas na parte final da revista.
Avaliação de artigos: os artigos propostos serão submetidos a parecer de especialistas das áreas respectivas, em regime de anonimato. A listagem de avaliadores será publicada cumulativamente cada dois anos. A decisão final cabe ao(s) coordenador(es) de cada número e, em última instância, à Direcção do CICS.
Os textos podem ser publicados em português, espanhol, francês e inglês.
Correspondência (incluindo assinaturas): Revista *Configurações*, a/c Dr.ª Sofia Oliveira, Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, Campus Gualtar, 4710-057 Braga.

Apoios: A edição deste número foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Edição: *Configurações* é editada semestralmente (2 números/ano ou 1 número duplo) pelo CICS - Centro de de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho, 4710-057 Braga, em colaboração com Campo das Letras Editores, S.A., Edifício Mota Galiza, Rua Júlio Dinis, 247, 6.ºE1 - 4050-324 Porto. Telef. 22 60 80 870 / Fax. 22 60 80 880 / E-mail: campo.letras@mail.telepac.pt / site: www.campo-letras.pt

Assinatura Anual: Portugal, países de expressão portuguesa e Espanha: 20 euros. Outros países: 25 euros.
Preço deste número: 12 euros.

Fotografia da capa: Abigail Ascenso

Tiragem: 1000 exemplares

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. - V. N. de Famalicão
ISSN: 1646-5075

Depósito Legal nº: 246289/06

Solicita-se permuta. Exchange wanted. On prie l'échange. Solicitamos cambio.

Esta revista prossegue a série de Sociologia (6 números) de *Sociedade e Cultura* da revista *Cadernos do Noroeste.*